

OPINIÃO

ANTES E DEPOIS DO NATAL

Josaphat Marinho

O Natal cria expectativas além da vontade dos homens. A alegria contagiante supera tristezas, dificuldades, desequilíbrios. Faz esquecer ameaças. Salvo os excluídos dos bens do progresso, porque sem condições para o convívio regular e a satisfação comum, todos participam do entusiasmo natalino.

Até nos hospitais se reacendem esperanças. Passada a noite de fervor místico, a realidade vai reocupando seu lugar de incertezas, contrastes e constrangimentos. Maior é a angústia no momento, porque o presidente da República, em reunião com os empresários, declarou, de novo, que serão adotadas medidas duras. Alivia o medo a informação presidencial de que "não é a dureza de quem tem um coração insensível". Também não se admitirá tamanha dureza da parte de quem acaba de receber a preferência do voto popular.

Um presidente reeleito há de encontrar sempre forma de enfrentar a gravidade dos problemas, sem se revelar insensível. Se a população já amarga os efeitos da crise que não criou, o presidente não lhe faltará com a sensibilidade necessária a diminuir a penúria geral. A hora festiva de confraternização decerto concorrerá para que não se apliquem apenas as medidas de rigor técnico, abandonadas as razões de sensibilidade humana. O tecnicismo exagerado é irracional, porque despreza as variações da vida em favor de raciocínios lineares e endurecidos. Segue o preceito da lógica fria em prejuízo da solução que contrasta a teoria com os desequilíbrios da existência desigual.

A rigidez da técnica e da burocracia é incompatível com os desníveis que separam os seres na sociedade, uns felizes, outros desafortunados. A decisão política e administrativa deve medir sempre esses desníveis, para que seja o caldo e sangue em relação a pessoas desiguais. Ignorar as diferenciações criadas pela sociedade é praticar a forma de injustiça mais torpe, porque produto de resolução consciente. Sociólogo, e por isso observador dos sentimentos coletivos, o presidente não desconhecerá as disparidades existentes no Brasil, que antes deverá ter visto, outra vez, na campanha eleitoral de outubro. Elas lhe servirão de suporte para reagir às deliberações sem inspiração social. Estas, muitas vezes, visam mais a agrandar o chefe de Estado do que a lhe apontar o caminho da decisão correta e humanamente aconselhável. Daí a necessidade de ser o presidente pára-raios a serviço dos fracos.

Na verdade o país está multiplamente dividido. Continua a divisão em dois brasis: um desenvolvido e outro em atraso. Não há comparação entre o padrão de vida em alguns estados nordestinos, de restrições visíveis, e o experimentado por populações do centro-sul. O grau de educação e de assistência à saúde nuns e noutros é de diferença assinalável. A diversidade de situação torna-se mais deplorável entre os

habitantes do meio rural, compreendidos os proprietários e os trabalhadores. O desenvolvimento industrial dos estados meridionais, além de maior, é de mais segura durabilidade. A industrialização no Nordeste é vacilante, e com insistente fuga de empresas e de capitais, mesmo em estados com vantagens, como a Bahia. Agrava esse quadro a falta de uma política federativa definida. Não é mal do presente governo, apenas. A deficiência

de espírito federativo se alonga desde o princípio da República, faltando a formação de um regime de equilíbrio político, econômico e social, entre as unidades associadas.

Há, portanto, um amplo espaço de desigualdades administráveis pelo Estado. Só ele será capaz de reduzi-las, já que o poder econômico privado busca, preponderantemente, o lucro. Na dimensão territorial do país, e no sistema presidencial de governo, apenas o presidente da

República tem atribuições legais e políticas para corrigir as distorções econômicas e sociais. A Constituição dá-lhe a prerrogativa de exercer o Poder Executivo, sendo os ministros apenas seus auxiliares. No exercício democrático desse Poder tem o presidente um largo domínio de ação. Pode ocupá-lo com firmeza e sensibilidade, a bem do povo.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia

